

# Vida Consagrada do Vaticano II à *Fratelli Tutti*

Michael Czerny, SJ

SUBSECRETÁRIO, SECÇÃO PARA OS MIGRANTES E REFUGIADOS,  
ROMA

*Este artigo traça inicialmente as coordenadas essenciais da renovação da vida consagrada do Vaticano II e do magistério subsequente; seguidamente analisa alguns dos grandes desafios com que as congregações religiosas se deparam atualmente. Estes são os muitos “sinais dos tempos” no ensinamento do Papa Francisco, culminando em Fratelli Tutti. Mais do que dirigir-se diretamente aos religiosos e às religiosas, Fratelli Tutti exorta-os, juntamente “com todas as pessoas de boa vontade” (FT, 6), a contribuírem com a sua identidade e missão para “fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade” (FT, 8). Os religiosos são convidados a renovar e aprofundar o seu seguimento de Cristo (sequela Christi) enquanto promovem resolutamente a missão da Igreja.*

## 1. GUIA PARA ORIENTAR A LEITURA

**G**izar um quadro das indicações e das trajetórias que a *Fratelli tutti* sugere àqueles que seguem os conselhos evangélicos na vida consagrada não é uma tarefa imediata, nem óbvia. Requer um esforço de reflexão e de síntese, que deve ponderar retrospectivamente quer a novidade introduzida pelo evento conciliar na renovação da vida consagrada, quer o sucessivo desenvolvimento magisterial no ensinamento dos pontífices. Isto auxiliar-nos-á a captar o impulso para a evangelização e reforma sinodal, em que o Papa Francisco pede a todos para participarem ativamente e na qual os religiosos são incluídos de forma especial, devido à sua presença generalizada no mundo e à sua escolha de dedicação total à causa do Reino.

Neste artigo irei delinear, em primeiro lugar, as coordenadas essenciais de renovação da vida consagrada do Vaticano II, analisando os documentos-chave conciliares e o magistério pós-conciliar. A renovação fez progressos, mas ainda continua a ser um trabalho em curso. A segunda parte correlaciona o ensinamento do Santo Padre aos religiosos e às religiosas, com os temas principais da *Fratelli Tutti*, lançando luz uns sobre os outros e sobre a atualização ainda em curso. O Papa Francisco vê os grandes desafios como muitos outros “sinais dos tempos”, que convidam a aprofundar a *sequela Christi* e a assumir, de todo o coração, a missão da Igreja no mundo.

### 1.1 *A Vida consagrada no Concílio Vaticano II: uma revolução copernicana*

Sob vários aspetos, o Concílio Vaticano II representou uma verdadeira revolução copernicana para a vida consagrada. As suas declarações foram muito além das expectativas e das esperanças das pessoas diretamente envolvidas.

Em vez de afirmarem a dignidade da vida religiosa e confirmarem a sua superioridade em relação ao casamento, os padres conciliares aventuraram-se por um caminho completamente novo: redefiniram a vida religiosa a partir da categoria de “consagração”, lançando assim as bases para o desenvolvimento pós-conciliar de uma “teologia do carisma” e de uma “mística da vida consagrada”.

A *Lumen Gentium* constitui certamente o ponto de viragem desta abordagem renovada. A renovação deixaria de ser concebida como uma intervenção disciplinar, destinada a produzir decretos de “reforma”, mas seria orientada para recolocar a vida religiosa num quadro eclesiológico mais amplo e mais completo.

### 1.2 *Lumen Gentium: o enraizamento eclesial da vida consagrada*

Na *Lumen Gentium* a recuperação da doutrina sobre o «sacerdócio comum dos fiéis»<sup>1</sup> possibilitou não só reavaliar a importância dos leigos, mas também especificar o papel e a missão dos religiosos na vida da Igreja. Na base da eclesiológia de comunhão, exposta pelo Concílio, está a postura renovada em relação ao batismo e o evidenciar dos seus efeitos sacramentais: a incorporação do fiel na Igreja, a graça da adoção divina, a chamada universal à santidade. “Munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho”. (LG 11).

O Capítulo VI da *Lumen Gentium*, “Os Religiosos” (LG 43–47) explicita como a sua vocação é semelhante e simultaneamente diversa da dos leigos e como estes exprimem na Igreja um tipo de vida cristã e evangélica bastante peculiar (LG 39).

A identidade de um religioso ou de uma religiosa é definida mais em termos de *ser* conforme a Cristo, do que de *fazer*. A argumentação conciliar assume como ponto de partida o batismo, como mistério e dimensão fundamental da existência cristã. Assim, a profissão dos conselhos evangélicos permite aos que se consagram ao serviço de Deus na Igreja, «poder recolher frutos mais abundantes da graça batismal» (LG 44).

---

1. *Lumen Gentium* (21 de novembro de 1964), 10. [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html) (doravante LG).

Quatro dimensões distintas associam-se na meditação conciliar sobre a vida consagrada: *vocação eclesial*; *desenvolvimento humano*; *realidade sgnica*; *natureza carismática*.

1) *Vocação eclesial*: declarando que a missão e a vida espiritual dos religiosos é «consagrada ao bem de toda a Igreja» (LG 44) o Concílio especifica a sua pertença e destino. A vida consagrada não é um caminho de perfeição marcado pelo individualismo, mas mostra um claro enraizamento eclesial. A escolha dos conselhos evangélicos representa não só para o indivíduo, mas também para toda a Igreja, uma oportunidade de enriquecimento e um “lugar” privilegiado onde a graça se manifesta. Além disso, o Concílio faz questão de realçar a importância do património experiencial e testemunhal que a vida consagrada traz consigo para a Igreja. A sua riqueza multiforme representa um verdadeiro e próprio “capital espiritual” não só para os membros das várias ordens, institutos religiosos e sociedades de vida apostólica, mas também para “todo o Corpo de Cristo” (LG 43).

2) *Desenvolvimento Humano*: Paralelamente à conceção da Igreja como “povo de Deus”, a revolução copernicana realizada pelo Concílio girou à volta do reconhecimento da dignidade e dos direitos da pessoa. Esta mudança de perspectiva refletiu-se também na vida consagrada, através da afirmação dos “direitos” da pessoa consagrada, tais como o direito à educação, à maturidade psicoafectiva, à igualdade de género, à valorização dos talentos pessoais, ao respeito pela pessoa (independentemente do papel institucional desempenhado). O resultado é uma leitura otimista da vida consagrada, que se focaliza não nas “privações” que são exigidas, mas no “ganho” para aqueles que decidem abraçá-la (LG 46).

3) *Realidade sgnica*: a vida consagrada é reconhecida na sua realidade como sinal, sobretudo devido à tensão escatológica que a atravessa (LG 46). Se os votos de castidade, pobreza e obediência constituem uma antecipação da condição de comunhão perfeita e definitiva, na qual os “filhos de Deus” serão introduzidos nos últimos tempos, é devido à sua índole intrinsecamente relacional: ao entregarem-se a Deus, as pessoas consagradas adquirem uma liberdade diferente no modo como se relacionam consigo próprias, com os bens materiais e com os outros. Longe de ser uma fuga do mundo (*fuga mundi*) que os torna «estranhos aos homens ou inúteis para a cidade terrena» (LG 46), a vida consagrada constitui, para os religiosos, um modo de “se envolverem” na história, de viver no seu tempo.

4) *Natureza carismática*: em vez de paradigma de renúncia, a vida consagrada é vista, pelo Concílio, como forma de participar na resposta do povo cristão à

história da salvação. Contudo, esclarece-se que a vida consagrada não pertence à estrutura institucional da Igreja, nem representa um estado «intermédio entre o estado dos clérigos e o dos leigos» (LG 43). Constitui um dom especial com o qual o Espírito enriqueceu a Igreja e caracterizou a sua estrutura carismática, uma vez que «está inabalavelmente ligado à sua vida e santidade.» (LG 44). A dimensão hierárquica e a dimensão carismática, ambas de origem divina, constituem, na Igreja, duas realidades complementares e coessenciais: a distinção entre clérigos e leigos baseia-se na primeira, enquanto a distinção entre aqueles que professam os conselhos evangélicos e os outros cristãos, se baseia na segunda.

### 1.3 *Perfectae Caritatis: chamados a «dilatar o Reino de Deus»*

Em 1965, apenas um ano após a *Lumen Gentium*, a reflexão conciliar sobre a vida consagrada foi enriquecida pelo decreto *Perfectae Caritatis: Sobre a conveniente renovação da vida religiosa*, em que, pela primeira vez, aparece nos documentos oficiais da Igreja, a expressão «vita consecrata per consiliorum professionem» (vida consagrada pela profissão dos conselhos)<sup>2</sup>.

Em primeiro lugar, o decreto explicita o *fundamento cristológico* da vida religiosa (PC 1) e indica a *sequela Christi* como a «regra suprema» e a «última norma» (PC 2a) que a governa. O seu objetivo principal é a união com Deus, e tanto a contemplação, como o zelo apostólico devem ser orientados para este objetivo. Do desejo de uma comunhão mais intensa com Cristo deriva a determinação «a esforçar-se por se associarem à obra da Redenção e por dilatar o Seu reino» (PC 5).

As múltiplas formas da vida consagrada—contemplativa, ativa, monástica, conventual e religiosa laical (PC 7–11)—mostram com quanta «variedade de dons» o Espírito aformoseia a Igreja, fazendo-a apresentar-se «como esposa ornada ao seu esposo» (PC 1).

Por esta razão, o decreto recomenda que cada instituto esteja ciente da sua componente histórica. A recuperação «do espírito e das intenções dos fundadores» ajudará a sintonizar a intuição carismática original com «as situações do mundo dos nossos dias» (PC 2).

A escuta e a consulta são reconhecidas como instrumentos oportunos para estabelecer e manter aquele clima fraterno que é indispensável para a realização de objetivos comuns. (PC, 4).

O decreto é estruturado na consciência renovada e amadurecida pelos Padres Conciliares relativamente à «vida comum». O que vincula os religiosos

---

2. *Perfectae Caritatis* (28 de outubro de 1965), 1. [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_perfectae-caritatis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html) (doravante PC).

entre si é o amor a Deus e é esta unidade que se apresenta como *sinál* que «manifesta o advento de Cristo» (PC 15). De facto, a própria fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida em comum, visto que é da fraternidade que «dimana uma grande virtude apostólica» (PC 15). Também a observância dos votos de castidade, pobreza e obediência foi repensada a partir da importância atribuída à vida comum.

#### 1.4 *Evangelica Testificatio: o “Carisma dos Fundadores” entre passado e presente*

Na exortação apostólica *Evangelica Testificatio* de 1971, Paulo VI procurou responder de forma respeitosa e educada ao clima de «inquietude, incerteza e instabilidade»<sup>3</sup> que se seguiu ao Concílio Vaticano II. Ele denuncia «a audácia de certas transformações arbitrárias» (ET 2), na sua maioria ditadas pelo desejo impaciente de pôr em prática as indicações conciliares, assim como a polémica estéril daqueles que—inovando erroneamente o Vaticano II—chegaram ao ponto de lançar dúvidas sobre a utilidade da vida consagrada para o tempo presente (ET 3). O Papa levantava questões para sugerir a hermenêutica correta das suas declarações sobre as pessoas religiosas e para encorajá-las “a proceder com maior segurança e com uma confiança mais alegre, pelo caminho que haveis escolhido” (ET 6).

O Pontífice recorda a oportunidade de continuar a refletir sobre o Concílio, a fim de discernir as alterações corretas a serem feitas. Reitera a importância de redescobrir o «carisma dos fundadores» (ET 11), porque é da sua identificação que dependem aquelas «opções fundamentais» que permitem «reavivar incessantemente as formas exteriores» (ET 12).

Paolo VI decide introduzir, em relação ao voto de pobreza, a referência da opção preferencial pelos pobres feita pelo Concílio<sup>4</sup>. Responder ao «clamor

---

3. Paulo VI, *Evangelica Testificatio* (29 de junho de 1971), 2. [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19710629\\_evangelica-testificatio.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19710629_evangelica-testificatio.html) (doravante ET).

4. Numa radiomensagem transmitida pouco antes da abertura do Concílio, João XXIII manifestava o seu desejo de que a Igreja repensasse a sua própria essência e a sua missão a partir dos pobres: “Perante os países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se tal e qual é e pretende ser: A Igreja de todos e muito particularmente a Igreja dos pobres” (Radiomensagem de Sua Santidade o Papa João XXIII um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II, 11 de Setembro de 1962, [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/messages/pont\\_messages/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_mes\\_19620911\\_ecumenical-council.htm](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.htm), tradução nossa).

Durante a primeira sessão, o Card. Giacomo Lercaro, seguindo a intuição de João XXIII, apresentou a relação entre a Igreja e a pobreza como sendo o problema mais urgente sobre o qual o Concílio era chamado a refletir. Com efeito, o tema foi apenas ocasionalmente tratado pelos Padres Conciliares (LG 8; *Gaudium et Spes*, 7 de Dezembro de 1965, 1, 3, 63, 69, 88, [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/)

dos pobres», ao seu «apelo de criaturas privilegiadas de Deus» (ET 17) torna-se um apelo constante à conversão da mente e do coração, à essencialidade e «à libertação de todo e qualquer entrave temporal» (ET 17). Os religiosos são chamados a viver a pobreza como escolha de precariedade, de provisoriade, fazendo sua a condição do Filho do Homem que “não tem onde encostar a cabeça” (Lc 9,59).

O Santo Padre indica o trabalho como um âmbito no qual mostrar-se “pobres”, recordando, em primeiro lugar, «o sentido humano do trabalho» e a «sua natureza de meio de sustentamento e de serviço» (ET 20). O dever de «ajudar os pobres com o vosso trabalho» dá novo significado à vida comum e mostra como a pobreza possa ser «vívida efetivamente pondo em comum os bens» (ET 21). A opção preferencial pelos pobres, em última análise, lança uma nova luz sobre a forma de viver o voto de pobreza e enforma a vida comum.

Antes de tudo, o Papa Paulo VI recomenda a alegria seja como «o máximo desabrochar da vida em Cristo» (ET 55), seja como testemunho que os religiosos devem dar a todos aqueles que «perderam o sentido da sua própria vida e andam ansiosamente à procura da dimensão contemplativa do seu ser» (ET 45).

### 1.5 *Vida consagrada: a via da beleza incriada*

O Sínodo dos Bispos de 1974 representou um acontecimento decisivo também para a orientação da renovação da vida consagrada. Os Bispos salientaram o essencial carácter missionário da Igreja e o dever de cada um dos seus membros de levar o testemunho de Cristo a todo o Mundo. Também a categoria teológica da “libertação”, então no centro de um animado debate, foi examinada para especificar como a evangelização deveria assumir a tarefa de libertar os povos e os indivíduos das injustiças sociais. Paulo VI utilizou várias propostas apresentadas no Sínodo para a redação da Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*.

Naqueles anos a Igreja defrontava-se com várias vicissitudes, sobretudo devido a tensões desencadeadas entre os religiosos e os institutos. Havia duas tendências opostas: aqueles que gostariam que a vida consagrada voltasse a

---

vat-ii\_const\_19651207\_gaudium-et-spes\_po.html, doravante GS) mas essas referências constituem as bases de importantes desenvolvimentos pós-conciliares. Entendendo a “irrupção da pobreza” na América Latina como um sinal dos tempos, a Conferência de Medellín (1968) apelou a uma distribuição de esforços e de pessoal apostólico que deve visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados. A Conferência de Puebla (1979) chamou a atenção da Igreja Universal para a opção preferencial pelos pobres e para a consciência das injustiças sociais que se opõem ao caminho da paz no mundo. Cf. Joan Planellas i Barnosell, *La Iglesia de los pobres en el Concilio Vaticano II* (Barcelona: Herder, 2014).

posições conservadoras e aqueles que esperavam que o impulso para a inovação não se esgotasse.

A eleição ao trono papal de João Paulo II em 1978, inaugurou uma nova fase no processo de renovação da vida consagrada, caracterizado por um esforço de codificação das aquisições teológicas, eclesiais e orientadoras do Concílio.

A crescente crise numérica e institucional da vida consagrada, a ocorrência de fenómenos que exigiram intervenções da Santa Sé—tais como a nomeação de um delegado papal para os Jesuítas (1981–1983); e as preocupações suscitadas pela teologia da libertação e pelo envolvimento dos religiosos em atividades revolucionárias—convenceram o pontífice da necessidade de um regresso a um “sentido mais firme da instituição”. Enquanto, por um lado, a promulgação do novo *Codex Ius Canonici* (1983) punha, de facto, fim ao tempo da experimentação conciliar, por outro lado desejava-se imprimir um novo ênfase à “teologia da especial consagração”.

Trinta anos após a aprovação do Decreto *Perfectae caritatis*, a Exortação apostólica *Vita consecrata* (1996), representa, num certo sentido, o ponto de chegada do caminho percorrido pela Igreja no rescaldo do Concílio. Apresentada como o resultado «de um confronto estimulante»<sup>5</sup>, ocorrido por ocasião do Sínodo dos Bispos sobre o tema “A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo”, esta Exortação pretende completar—após os Sínodos que foram dedicados aos leigos (1987) e aos presbíteros (1990)—«a exposição das peculiaridades características dos vários estados de vida, que o Senhor Jesus quis na sua Igreja» (VC 4).

*Vita consecrata* parece ser guiada pelo desejo de desenvolver mais adequadamente as implicações pneumatológicas da *sequela Christi* implementada pela escolha dos conselhos evangélicos. De facto, afirma-se que, «a vocação à vida consagrada está intimamente relacionada com a obra do Espírito Santo» (VC 19). O episódio evangélico da Transfiguração (VC 15) é considerado como um ícone bíblico que ilumina a vida religiosa e permite que ela seja apreciada como *filocalia*: O Espírito Santo ofusca os consagrados, fá-los compreender o encanto e a beleza divina que irradiam da humanidade de Cristo. Sob a orientação do Espírito, a “beleza incriada”, a vida de intimidade com o Cristo-esposo, transforma o ser e a existência do consagrado, torna-o conforme à sua beleza, assimila-o ao seu amor.

A responsabilidade de participar na missão evangelizadora da Igreja é também colocada numa perspectiva pneumatológica, fazendo notar antes de mais que «O dever missionário das pessoas consagradas tem a ver primeiro

---

5. João Paulo II, *Vita Consecrata*, (25 de março de 1996), 13. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_25031996\\_vita-consecrata.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html) (doravante VC).

com elas próprias, e cumprem-no abrindo o seu coração à ação do Espírito de Cristo» (VC 25).

A segunda parte do documento concentra-se no valor da vida consagrada como sinal e instrumento de comunhão<sup>6</sup>. Nomeadamente a vida fraterna é proposta como «sinal eloquente da comunhão eclesial» e «*espaço teologab*», onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado (VC 42). Por esta razão, as pessoas religiosas deveriam mostrar-se aos olhos do mundo como «peritas em comunhão», porque compartilhar a fé e a vida quotidiana com os outros deveria torná-las «testemunhas e artífices» de unidade (VC 46).

É no contexto desta reflexão articulada sobre a vocação e missão para a comunhão, para *sentire cum Ecclesia*, que encontramos o convite a estabelecer relações mais estreitas e incisivas de intercâmbio e colaboração com os leigos (VC 54). A Exortação está ciente de como a vida religiosa já não pode existir numa via paralela ao laicado. Na verdade, o contributo coletivo dos leigos é indispensável aos religiosos para «tornar mais eficiente a resposta aos grandes desafios do nosso tempo» (VC 54).

A última parte do documento é um apelo aos religiosos a serem testemunhas da caridade: na promoção da dignidade da pessoa (VC 82); no serviço à vida (VC 83); verdade (VC 96); à cultura e à comunicação (VC 97–98); e ao diálogo (VC 100–103).

Com estas claras orientações socio-pastorais, conclui-se a resenha do impacto do Concílio e do magistério subsequente na vida religiosa até aos dias de hoje.

## 2. O ENSINAMENTO DO PAPA FRANCISCO AOS RELIGIOSOS: UMA LEITURA DA *FRATELLI TUTTI* PARA A VIDA CONSAGRADA

Após ter examinado alguns dos documentos mais significativos sobre a vida consagrada nos últimos sessenta anos, com o objetivo de identificar a atualização que foi encetada pelo Concílio Vaticano II, gostaria de recordar algumas pedras angulares do ensinamento do Papa Francisco aos religiosos, a fim de identificar tanto os elementos de continuidade com o magistério anterior, quanto os aspetos mais originais da sua forma de encarar a vida religiosa.

---

6. Nela ecoam as declarações expostas no documento *A vida fraterna em comunidade*. Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A vida fraterna em comunidade*. “Congregavit nos in unum Christi amor”, (2 de fevereiro de 1994). [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsclife/documents/rc\\_con\\_ccsclife\\_doc\\_02021994\\_fraternal-life-in-community\\_en.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021994_fraternal-life-in-community_en.html)

Ao fazê-lo, tentarei destacar como muitas das intuições que estruturam a *Fratelli tutti* coincidem com as palavras dirigidas pelo pontífice aos religiosos, em várias circunstâncias. Juntamente com a revisão da *atualização* na Parte 1, isto cria um círculo hermenêutico que nos permite ler cada um à luz dos outros: o Concílio, os desenvolvimentos pós-conciliares, as palavras do Papa Francisco aos religiosos e a Encíclica *Fratelli Tutti*.

*Fratelli Tutti* não se dirige explicitamente aos religiosos porque o Papa Francisco não quer “faccionar” a mensagem da encíclica especificando os seus destinatários; pelo contrário, escolhe fazer «de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade»<sup>7</sup>.

Como membros do *Povo de Deus*, os religiosos são, portanto, chamados a «fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade» (FT 8) com o seu empenho e na missão distintiva que é a deles.

## 2.1 *Papa Francisco, o religioso, o jesuíta*

À guisa de introdução, gostaria de chamar a atenção para a peculiaridade da forma de falar de Francisco aos religiosos. Aqui sente-se como a sua experiência pessoal como religioso, como jesuíta, converge nos discursos do Papa. Ele fotografa os problemas mais urgentes com realismo e mostra que conhece em profundidade as fragilidades mais escondidas, as que se jogam no interior, e também conhece as dinâmicas “externas”, as que envolvem os religiosos na forma de enfrentar a fraternidade e de gerir as escolhas de governo.

Ao mesmo tempo, o Santo Padre está firmemente convencido da intrínseca qualidade testemunhal que dimana da vida consagrada, como sinal de “perfeita alegria” para a Igreja. É olhando para os religiosos e religiosas e fixando o nosso olhar na natureza radical da sua escolha que percebemos como Deus é capaz de encher o coração do homem e de o fazer feliz. Por isso, Francisco declarou várias vezes: «Onde estão os religiosos, há alegria!»<sup>8</sup>. Ele fala também com grande humanidade e muitas vezes com humorismo, mostrando o próprio amor pela vida e pelo ministério dos religiosos.

Podemos dizer que como Papa e jesuíta, ele não se limita a descrever e interpretar a vida consagrada, mas a sua intenção é a de pôr a descoberto as suas feridas, a fim de as curar e depois reavivar o seu valor e realçar a sua beleza. Assim, perante a denúncia de tantas “faltas” e dos muitos comportamentos

---

7. Papa Francisco, *Fratelli Tutti* (3 de outubro de 2020), 6. [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html) (doravante *FT*).

8. Papa Francisco, Carta Apostólica a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida consagrada (21 de novembro de 2014), 2. [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_lettera-ap\\_20141121\\_lettera-consacraati.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacraati.html)

errados, ele propõe o regresso ao Evangelho como antídoto aos males dos quais hoje a vida consagrada sofre, encorajando os religiosos a avançarem com esperança e depositando a própria confiança na ajuda providencial de Deus.

A leitura experiencial do Santo Padre procura, portanto, identificar trajetórias práticas para sair da condição de impasse: na proposta de “sair” do autoisolamento para se encontrar com o mundo, especialmente nas suas realidades de exclusão, pobreza estridente e sofrimento sem limites. É aqui que o Papa Francisco identifica a possibilidade de dar novo sentido à natureza carismática da missão e da vida das pessoas consagradas.

## 2.2 Sondar os “Carismas”, recomeçando a partir da “Missão”

Em 2014, cinquenta anos após a *Perfectae caritatis*, o Papa Francisco convocou um *Ano da vida consagrada*, com o fim de «repropor à Igreja inteira a beleza e a preciosidade desta forma peculiar de *sequela Christi*»<sup>9</sup>. Desde logo se tornou claro que o aniversário da promulgação do Decreto conciliar não representaria só uma mera ocasião celebrativa, mas seria realizado com a intenção programática de refletir sobre a atualidade da vida consagrada e sobre os desafios que esta deve enfrentar no Terceiro Milénio.

Na *Carta Apostólica a todos os consagrados*, o pontífice lançou três questões emblemáticas para iniciar uma análise “honestá” da atual condição da vida religiosa: «Os nossos serviços, as nossas obras, a nossa presença correspondem àquilo que o Espírito pediu aos nossos Fundadores, sendo adequados para encaixar as suas finalidades na sociedade e na Igreja atual? Há algo que devemos mudar? Temos a mesma paixão pelo nosso povo, solidarizamos-nos com ele até ao ponto de partilhar as suas alegrias e sofrimentos, a fim de podermos compreender verdadeiramente as suas necessidades e contribuir com a nossa parte para lhes dar resposta?»<sup>10</sup>.

Com a sua pergunta direta, quase uma provocação inicial, incentivava os religiosos a não «ter medo de abandonar os «odres velhos»»<sup>11</sup>, isto é, a não temer renovar tudo o que na vida consagrada não corresponde adequadamente aos apelos do Espírito para a Igreja de hoje. De facto, quando permanecemos apegados às estruturas e aos hábitos do passado, corremos o risco de

---

9. Papa Francisco, *Mensagem do Papa Francisco por ocasião da abertura do ano da vida consagrada*, (30 de novembro de 2014) [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco\\_20141130\\_messaggio-annovita-consacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141130_messaggio-annovita-consacrata.html)

10. Papa Francisco, *Carta Apostólica por ocasião do Ano da Vida consagrada*, 2014, 2.

11. Papa Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica*, (27 de novembro de 2014). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141127\\_plenaria-vita-consacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_plenaria-vita-consacrata.html)

aderir a uma falsa sensação de segurança que, no entanto, exige que paguemos um preço muito elevado em troca: tornarmo-nos indiferentes ao grito daqueles que aguardam a proclamação da Boa Nova.

Se Paulo VI pedira aos religiosos para reavivarem as formas exteriores e testar a pertinência das obras regressando ao «carisma dos fundadores» (ET 11), Francisco pede-lhes para manterem vivos os carismas, exercendo-os na evangelização, atirando-se de cabeça para o serviço: «A missão—em conformidade com cada carisma particular—é aquela que nos lembra que fomos convidados a ser fermento desta massa concreta»<sup>12</sup>.

Para verificar a fidelidade à missão que lhes foi confiada, na diversidade de expressões carismáticas requeridas pelo Espírito, os religiosos devem fazer-se missionários nos contextos para os quais são destinados pelo espírito do seu próprio instituto. É preciso ultrapassar aquela distinção entre “vida contemplativa” e “vida ativa” que por muito tempo atribuiu a tarefa da missionariedade a um “ramo” exclusivo de famílias religiosas, a fim de ampliar os próprios horizontes e reconhecer que «todas as formas de vida consagrada, cada uma segundo as suas características, são chamadas a estar em condição permanente de missão»<sup>13</sup>.

Para expressar uma verdadeira fidelidade carismática é necessário não coartar o dinamismo da caridade: a originária intuição evangélica que é a base de todas as formas de vida consagrada não é um ideal para contemplar, para ser colocado “numa redoma”, nem para ser guardado como uma relíquia, mas sim para ser aplicado à concretude da vida, na atenção aos mais pequenos e aos mais frágeis. Francisco adverte sem hesitação: «Ai de nós se cristalizarmos os nossos carismas numa doutrina abstrata: os carismas dos fundadores não devem ser fechados numa garrafa, não são peças de museu.»<sup>14</sup>.

O segredo para fazer frutificar com coragem os carismas é confrontá-los com as realidades atuais, com a história, com a vivência dos homens e mulheres do nosso tempo. É necessário «descentralizar-se»<sup>15</sup>, isto é, certificar-se de que no centro de tudo esteja só Jesus.

---

12. Papa Francisco, HOMILIA DO PAPA FRANCISCO, XXI Dia mundial da vida consagrada, (2 de fevereiro de 2017) [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco\\_20170202\\_omelia-vita-consacrata.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170202_omelia-vita-consacrata.html) (Todas as homilias do Dia mundial da vida consagrada são doravante referidas por “Homilia DMVC”).

13. Papa Francisco, HOMILIA DO PAPA FRANCISCO, XX Jornada Mundial da vida consagrada. Jubileu da Vida consagrada e encerramento do ano da vida consagrada (2 de fevereiro de 2016). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated\\_life/documents/papa-francesco\\_20160202\\_omelia-vita-consacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated_life/documents/papa-francesco_20160202_omelia-vita-consacrata.html)

14. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC”, 2016.

15. Papa Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes na Assembleia Nacional da Conferência Italiana dos Superiores Maiores (CISM)*, (7 de novembro de 2014). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141107\\_conferenza-italiana-superiori-maggiori.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141107_conferenza-italiana-superiori-maggiori.html)

Recuperar o ímpeto na missão também preserva os religiosos de caírem naquela armadilha perigosa que pode tornar estéril a vida consagrada: «a tentação da sobrevivência»<sup>16</sup>. Sobretudo perante o evidente declínio das vocações, o preocupante aumento dos abandonos—uma «“hemorragia” que enfraquece a vida consagrada e a própria vida da Igreja»<sup>17</sup>—muitos são tentados a recuar em boa ordem, fechando-se nas suas casas e nos seus próprios esquemas. Cede-se à nostalgia, projetamo-nos para trás, para as memórias gloriosas dos tempos passados, quando os noviciados pululavam de jovens e quase não se conseguiam conter as entradas.

A atitude de sobrevivência transforma os religiosos em discípulos amedrontados, reacionários, e priva os carismas da sua força criativa, impelindo a proteger «espaços, edifícios ou estruturas mais do que a tornar possíveis novos processos». Acaba-se por sentir como uma ameaça constante «aquilo que o Senhor nos dá como uma oportunidade para a missão»<sup>18</sup>.

Esta posição retrógrada e derrotista, que turva a mente e o espírito, é «a eutanásia espiritual de um coração consagrado»<sup>19</sup>. Caminhar nesta direção é como aceitar resignadamente morrer, é empreender um caminho mundano, que é criado para ser uma espécie de «ars bene moriendi»<sup>20</sup>. Portanto, um contratestemunho que se manifesta no cansaço, na rotina, nas divisões internas, na busca de poder e no governo imponderado (que por vezes sucumbe ao autoritarismo, outras vezes rende-se ao “laissez-faire”).

Não se deve «ceder aos critérios da mundanidade»<sup>21</sup>, nem se submeter à tentação dos números e da eficiência, das programações onde se confia unicamente nas próprias forças. Pelo contrário, os religiosos devem «abraçar o futuro com esperança»<sup>22</sup>, recomeçar a caminhar no Senhor, fixando o olhar nele.

16. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC”, 2017.

17. Papa Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica*, (28 de janeiro de 2017). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco\\_20170128\\_plenaria-civcsva.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco_20170128_plenaria-civcsva.html)

18. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC”, 2017.

19. Papa Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes no congresso internacional promovido pela congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica*, (4 de maio de 2018). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/may/documents/papa-francesco\\_20180504\\_congregazione-vitaconsacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/may/documents/papa-francesco_20180504_congregazione-vitaconsacrata.html)

20. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC”, (2 de fevereiro de 2019). [http://www.vatican.va/content/francesco/en/messages/consecrated\\_life/documents/papa-francesco\\_20190202\\_omelia-vita-consacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/en/messages/consecrated_life/documents/papa-francesco_20190202_omelia-vita-consacrata.html)

21. Papa Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica*, (28 de janeiro de 2017).

22. Papa Francisco, *Carta Apostólica por ocasião do Ano da Vida consagrada*, (21 de novembro de 2014), 3.

O apelo de Francisco aos seus irmãos e irmãs religiosos torna-se veemente: «Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquéis prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes a Boa Nova»<sup>23</sup>.

Caminhar na esperança (FT 55) é a “estratégia” do crente, é a única possibilidade de não ser fagocitado pelas ânsias, pelas dificuldades do momento. É a única decisão sensata, porque induz a reconhecer que o futuro está colocado sob a orientação do Espírito.

### 2.3 *Testemunhas de um encontro, artífices de diálogo*

É possível escapar à asfixia do presente: é suficiente voltarmo-nos novamente para Cristo. e «abrir-se ao rebrulço diário da graça»<sup>24</sup>. É ele a novidade que faz novas todas as coisas, como repetiu várias vezes Francisco, e quem quer que atravesse o seu caminho não pode ficar como era antes. Compreende-se, assim, a centralidade dada à categoria de *encontro* no pensamento teológico do papa: nela é sinteticamente reproposta e condensada a lição conciliar sobre o primado da eleição divina, sobre o apelo universal à santidade (LG 40). E toda a exortação *Gaudete et Exsultate* foi escrita para «fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades»<sup>25</sup>.

Francisco destaca como a vocação para a vida consagrada não nasce de um programa pensado «teoricamente», de um cálculo racional entre custos e benefícios, mas é uma dádiva gratuita que brota do amor excedente de Deus, «de uma graça do Senhor que nos alcança, através de um encontro que muda a vida»<sup>26</sup>.

Precisamente por este motivo, é importante voltar às Suas fontes e «percorrer com a memória os encontros decisivos que tivemos com Ele, reavivar o primeiro amor»<sup>27</sup>.

Para se curar da «paralisia da normalidade», da lógica mortal que imobiliza a vida consagrada e esclerosada as suas formas, o Papa indica aos religiosos o

---

23. Papa Francisco, *Carta Apostólica por ocasião do Ano da Vida consagrada*, (21 de novembro de 2014) 4.

24. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC” (2 de fevereiro de 2018). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco\\_20180202\\_omelia-vita-consacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180202_omelia-vita-consacrata.html)

25. Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, (19 de março de 2018), 2. [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html)

26. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC” (2 de fevereiro de 2016).

27. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC” (2 de fevereiro de 2019).

caminho da fidelidade às coisas concretas, aos compromissos ordinários, nos quais é possível enchermo-nos da força da graça brotada do primeiro encontro com Cristo: «a oração diária, a Missa, a Confissão, uma caridade verdadeira, a Palavra de Deus em cada dia, a proximidade sobretudo aos mais necessitados espiritual, ou corporalmente»<sup>28</sup>.

Tal encontro, portanto, não representa «uma questão privada entre nós e Deus»<sup>29</sup>, mas acontece num lugar e num tempo específicos, brota do seio da Igreja, através dos irmãos e irmãs que, com o seu testemunho de fé, nos conduziram a Ele. A vida consagrada tem, portanto, necessidade deste contínuo contacto com o *povo de Deus*, pois que nele encontra não só a sua origem, mas também o seu nutrimento contínuo. Vice-versa, quando os religiosos pensam que podem prescindir dos outros, e talvez se isolem, experienciam invariavelmente o declínio, porque aqueles que andam sozinhos murcham, estagnam, estão condenados a morrer.

Conscientes e gratos pelo passado, confiantes e abertos à esperança do futuro, os religiosos devem «viver o presente com paixão»<sup>30</sup>, isto é, vivê-lo sem se furtarem às suas responsabilidades para com o Evangelho, sem desviar o olhar dos dramas de uma humanidade ferida e perdida. Numa sociedade que parece alimentar o choque entre as várias culturas, em que a convivência social está comprometida pelas desigualdades e pela sistemática opressão dos mais fracos, «os consagrados e as consagradas são chamados, antes de tudo, a ser homens e mulheres do encontro»<sup>31</sup>.

À luz da *Fratelli tutti*, isto significa colaborar na criação de laços sociais caracterizados pela amizade e pela fraternidade, agindo, no tecido da convivência civil, como elo de ligação entre os diversos sujeitos que a compõem.

Promover uma sã «cultura do encontro» é o pressuposto para alcançar um pacto social, em que não se negue a ninguém os direitos e as oportunidades (FT 216–221). Assim, os religiosos tornam-se artífices de uma «cultura do encontro» sempre que defendem os direitos do ser humano e contrastam a «cultura do descarte» (FT 188), na qual a depredação de recursos é concebida como um dano colateral inevitável: não apenas alimentos ou bens supérfluos, mas também os seres humanos são avaliados como “sacrificáveis” e funcionais para manter em voga o sistema económico vigente (FT 18–20).

Na *Fratelli tutti*, o tema da migração é também objeto de uma análise cuidadosa. Atitudes de encerramento e intolerância tornam a comunicação mais árdua e dificultam os encontros entre migrantes e residentes. Francisco

---

28. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC” (2 de fevereiro de 2019).

29. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC” (2 de fevereiro de 2019).

30. Papa Francisco, *Carta Apostólica por ocasião do Ano da Vida consagrada*, (21 de novembro de 2014), 2.

31. Papa Francisco, HOMILIA DMVC” (2 de fevereiro de 2016).

não hesita em dizer que a adesão por parte dos católicos a várias formas de ideologia nacionalista e xenófoba é inconciliável com uma autêntica vivência de crente (FT 39). É tarefa dos religiosos facilitar a recuperação de um “contacto” direto com os protagonistas do drama das migrações, ajudando os leigos a envolverem-se pessoalmente nas vicissitudes existenciais destes homens, mulheres e crianças obrigados a fugir.

Em primeira linha no «limite das fronteiras» (FT 129–132), na qualidade de «guias guiados»<sup>32</sup> e peritos na «arte do acompanhamento»<sup>33</sup>, os religiosos são chamados a assumir um inadiável compromisso de formação, acompanhando a passagem de uma conceção de sociedade em que o estrangeiro é discriminado, a uma compreensão da convivência social na qual se garante a plena cidadania a todos. Facilitar a integração dos migrantes significa também apoiar aqueles que são chamados a acolhê-los, a superar os seus preconceitos e as suas preconceções. O primeiro passo a ser dado é recuperar o valor da vida como uma teia de relações verdadeiras e autênticas. (FT 87) e trabalhar para criar laços de hospitalidade (FT 88–90).

Na *Carta apostólica a todos os consagrados*, em 2014, Francisco pediu aos religiosos: «De vós espero gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na iniciação à vida de oração. Consequentemente, almejo a racionalização das estruturas, a reutilização das grandes casas em favor de obras mais cónsonas às exigências atuais da evangelização e da caridade, a adaptação das obras às novas necessidades.»<sup>34</sup>

Com *Fratelli tutti*, seis anos depois, estes pedidos assumem novo ênfase: mais que a «impor do alto programas assistenciais» (FT 129), encoraja os institutos religiosos a contribuírem ativamente na oferta de possibilidades concretas de integração: concessão de vistos, corredores humanitários, acesso aos serviços essenciais e à instrução, liberdade religiosa (FT 130).

A caridade, que é sempre «capaz de incluir tudo» (FT 165) torna-se assim a pedra basilar para apoiar o desenvolvimento humano integral. Se o amor olha para a pessoa, torna-se concreto, ou seja, dirige-se à multiplicidade de circunstâncias em que o valor e a dignidade de cada indivíduo são postos em risco. Desta forma, mostra-se capaz de localizar os seus próprios destinatários

---

32. Papa Francisco, “HOMILIA DMVC” (2 de fevereiro de 2015). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\\_20150202\\_omelia-vita-consacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150202_omelia-vita-consacrata.html)

33. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), 169. [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html) (doravante *EG*).

34. Papa Francisco, *Carta apostólica por ocasião do Ano da Vida consagrada*, (21 de novembro de 2014), 4.

privilegiados: os idosos, os deficientes, os jovens, as mulheres, os marginalizados, os pobres e todos aqueles que se inserem no vasto domínio dos «exilados ocultos» (FT 98). O amor é o dinamismo capaz de expandir o significado da nossa existência, mas também a única força capaz de gerar uma sociedade aberta à integração.

Para os religiosos, a lei do amor implica algo mais do que uma determinação de realizar uma série de ações benéficas, uma vez que leva à maturação de «um sentido pleno de mútua pertença» (FT 95). Porque Jesus nos disse que somos todos irmãos e irmãs (Mt 23,8).

#### 2.4 *A vida fraterna em comunidade: sinal profético de unidade na diferença*

O tema da fraternidade é uma das principais linhas que atravessam, como marca de água, o magistério do Papa Francisco. Basta pensar no capítulo quarto da *Evangelii Gaudium*, no qual se explicitam os efeitos sociais de uma proclamação alegre do Evangelho, ou no capítulo quinto da *Laudato si'*, no qual se identificam cinco grandes correntes de diálogo para um mundo mais justo para com os homens e mais respeitoso para com a Criação.

*Fratelli tutti* surge no horizonte descerrado por estes documentos magisteriais, mas assume como sua referência direta e ponto de vista formal, a partir do qual refletir “juntos”, o *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*. Assinado pelo Papa Francisco e pelo Xequie Ahmad Al-Tayyeb, Grão Imame de Al-Azhar, a 4 de fevereiro de 2019, em Abu Dhabi, o documento representa um ponto de viragem epocal na promoção do diálogo inter-religioso.

O momento representou «não um mero ato diplomático», mas uma ocasião de encontro e de compromisso conjunto em prol da humanidade (FT 5) e também uma pedra miliar na construção de um mundo mais fraterno e mais solidário.

O valor programático da encíclica *Fratelli tutti* alicerça-se, portanto, na decisão firme de dar seguimento e implementar o ensinamento conciliar: a fraternidade universal e a amizade social constituem para o mundo de hoje um «sinal dos tempos» (GS 4).

A Encíclica ousa unir dois termos que aparentemente se contrapõem, a amizade e a sociedade. Quando falamos de amizade, geralmente entendemos uma forma “seletiva” de amor: escolhemos os amigos, escolhemo-los para que sejam nossos “pares”. É costume distinguir a esfera das relações de amizade, que constituem a esfera do “privado”, do contexto social no qual nos encontramos envolvidos com pessoas que talvez nos sejam “impostas” externamente. A mensagem da Encíclica aspira, concretamente, a lançar um «novo sonho de fraternidade» para a humanidade (FT 6): agir com os outros, próximos e longínquos, como se os estivéssemos a escolher como nossos irmãos, irmãs e amigos.

Neste «novo sonho» mundial, a vida consagrada assume um valor específico: mostrar a alegria e a beleza da fraternidade, experimentar e transmitir a «mística de viver juntos» (EG 87). Ela revela todo o seu poder profético, o seu ser “sinal”, num tempo em que o consumismo alimenta o individualismo e a «cultura do fragmento»<sup>35</sup> provoca um grande vazio existencial, manifestando os seus efeitos nocivos naquela lógica do descarte que se alarga a todos os âmbitos da existência: aos não-nascidos, aos idosos, a quem é menos capaz de contribuir para a economia.

A vida fraterna em comunidade torna-se um «eloquente e jubiloso testemunho»<sup>36</sup> que atrai para o Evangelho e patenteia que a unidade é o ingrediente decisivo para uma existência plena. É da vida em comum que transporece «a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo»<sup>37</sup> e que se realiza já o sonho de uma humanidade nova.

A realidade sgnica da vida consagrada, *via pulchritudinis*, que recompõe os fragmentos de Beleza na cidade humana<sup>38</sup>, encontra na fraternidade a antecipação profética dum mundo, em que a unidade é alcançada na salvaguarda das diferenças recíprocas. A verdadeira fraternidade não homogeneiza, mas permite que sejamos nós próprios com os outros (FT 100) e aspirar ao essencial, fazendo-nos descobrir que não é possível prescindir do outro: «A vida consagrada é esta visão. É ver aquilo que conta na vida»<sup>39</sup>.

Os religiosos devem testemunhar que esta valorização da diversidade, da pluralidade de culturas e identidades é possível. Que o critério da fraternidade que aspira à universalidade não é uma abstração, mas já é uma realidade de facto nas suas comunidades e obras.

Daí o urgente apelo à salvaguarda da vida fraterna, preservando-a de «críticas, bisbilhotices, invejas, ciúmes, antagonismos»<sup>40</sup> e vigiando os comporta-

---

35. Papa Francisco, *Discurso aos participantes na plenária da congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica*, (28 de janeiro de 2017).

36. Papa Francisco, *Discurso aos participantes na plenária da congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica*, (28 de janeiro de 2017).

37. Papa Francisco, *Carta apostólica por ocasião do Ano da Vida consagrada*, (21 de novembro de 2014), 4.

38. Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Contemplate. Aos consagrados e consagradas nas pegadas da beleza*, trad. Christine Cooley (Libreria Editrice Vaticana, 2016), disponível em: <http://www.congregazionevitaconsacrata.va/content/dam/vitaconsacrata/LibriPPDF/Italiano/CONTEMPLATE.pdf>.

39. Papa Francisco, “Homilia DMVC” (1 de fevereiro de 2020). 20, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200201\\_omelia-vitaconsacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200201_omelia-vitaconsacrata.html)

40. Papa Francisco, *Carta apostólica por ocasião do Ano da Vida consagrada*, (21 de novembro de 2014), 4.

mentos, de modo a não dar azo a várias formas «de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, desejos de impor as próprias ideias a todo o custo» (EG 100).

O que Francisco recomenda a todos nós em *Fratelli tutti*, vale acima de tudo para os consagrados: o *diálogo*, como instrumento para procurarmos juntos a verdade e conhecê-la na sua efetiva objetividade, superando todo o tipo de “apropriação” que a circunscreva a um único ponto de vista (FT 206); a *amabilidade*, como uma atitude de respeito, reconhecendo « ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente » (FT 218) e « cuidado para não magoar com as palavras ou os gestos » (FT 223); o *confronto* sincero e honesto, como exercício comunitário em que se aprende a não relativizar as próprias opiniões, ou aquelas dos outros (FT 224); e a *comunicação entre as gerações* (FT 53, 199), um aspeto essencial da vida como irmãos e irmãs em comunidade, um horizonte prático no qual exercer o estilo evangélico de se relacionar com o outro.

Francisco recomenda aos religiosos que procurem, na sua vida comum, um intercâmbio benéfico entre jovens e idosos, evitando os «descartes geracionais»<sup>41</sup>. Comentando a perícopes lucana da Apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22–39) afirma que «a juventude dum instituto [de vida consagrada] encontra-se indo às raízes, ouvindo as pessoas anciãs. Não há futuro sem este encontro entre anciãos e jovens; não há crescimento sem raízes e não há florescimento sem novos rebentos. Jamais profecia sem memória, jamais memória sem profecia; mas que sempre se encontrem»<sup>42</sup>. As comunidades religiosas que favorecem esse encontro e comunicação frutíferos fazem muito para consolar os seus idosos, enriquecer os seus membros mais jovens e dar um testemunho convincente e profético de comunhão a um mundo cada vez mais atormentado pelo apartheid intergeracional.

Na Encíclica, de facto, o Papa nota o colapso das grandes ideologias políticas do século passado e como este facto conduziu a uma falta geral de confiança no planeamento a longo prazo (FT 15–17). Mostra toda a sua preocupação com as novas gerações, porque são principalmente os jovens a serem condicionados pela desconfiança dos que os precederam em relação a uma planificação do “bem comum”. O que se cria é uma espécie de clivagem, de interrupção, entre as metas definidas pelas gerações passadas e as ambições às quais os jovens tendem quando imaginam o futuro.

A lógica implacável da globalização enxerta-se no enfraquecimento da dimensão comunitária da existência. O modelo económico vigente, quando se

---

41. Papa Francisco, HOMILIA DO PAPA FRANCISCO, XXII Dia Mundial da Vida consagrada, (2 de fevereiro de 2018).

42. Papa Francisco, “Homilia DMVC”, 2018.

destina exclusivamente à otimização dos lucros, tira partido da atomização do sentimento de pertença a uma comunidade e da segmentação das identidades (FT 12).

Perante a realidade desencorajadora de indivíduos cada vez mais sozinhos e isolados, consumidores distraídos e espectadores alienados da fealdade de hoje, o caminho da fraternidade surge como a única saída de uma condição existencial asfixiada e solipsista.

### 2.5 *Um mundo de religiosos com o seu próprio capital espiritual*

O último capítulo da *Fratelli tutti* é dedicado às *religiões* e à decisiva contribuição que estas podem oferecer «para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade» (FT 271).

Por causa da riqueza da experiência e do tesouro da sabedoria que acumularam ao longo dos séculos, as religiões têm o direito e o dever de intervir no diálogo social e no debate público. A sua voz deve ser apreciada e escutada, tanto quanto as vozes da política e da ciência (FT 275).

Para a Igreja, Francisco reivindica o papel público da missão que a caracteriza e a participação ativa no trabalho em prol da «promoção do homem e da fraternidade universal» (FT 276). Por esse motivo é necessário afirmar que a liberdade religiosa é um direito fundamental e que todas as religiões devem poder exprimir publicamente o seu próprio ponto de vista sobre as questões sociais (FT 279).

Seguindo as linhas orientadoras traçadas pelo Vaticano II no Decreto *Unitatis redintegratio* e na Declaração *Nostra Aetate*, o Papa Francisco imprimiu um novo impulso aos movimentos ecuménicos e inter-religiosos. Do seu ponto de vista, quando a identidade é forte e estruturada, não teme o diálogo e o confronto, nem sente o outro como um inimigo ou uma ameaça. Pelo contrário, evitar o confronto é expressão de grande fragilidade e insegurança sobre si próprio. Quem tem sólidas raízes culturais e religiosas não vê como um empobrecimento ou uma diminuição a possibilidade de dialogar com quem é diverso, mas pelo contrário reconhece nesta uma ocasião de crescimento e de maturação na própria pertença. A contribuição original das religiões para a cultura de hoje consiste na sua abertura constitutiva à transcendência.

Por conseguinte, o diálogo inter-religioso e o anúncio do Evangelho não são termos em contradição, mas aspetos da missão evangelizadora única da Igreja<sup>43</sup>. É necessário, de facto, que estes dois elementos mantenham a sua

---

43. João Paulo II, *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990), 10–28, [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990redemptoris-missio.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990redemptoris-missio.html)

ligação íntima e, simultaneamente, a sua distinção, por isso não devem ser confundidos, nem instrumentalizados, ou considerados equivalentes, como se fossem permutáveis.

Num mundo de várias religiões, são, portanto, conservados e continuamente desenvolvidos e transmitidos o «capital espiritual» e a ramificação admirável e multifacetada (LG 43) da vida religiosa.

Esta sabedoria carismática em evolução representa um serviço insubstituível para o mundo: testemunhar a consciência criadora e filial, isto é, reconhecer-se perante Deus como filhos de um único Pai, pode apoiar e acelerar a implementação da paz entre todos.

Outrora, era nas chamadas “missões estrangeiras” que sacerdotes, irmãs e irmãos entravam ocasionalmente em contacto com crentes de outras religiões; hoje em dia o pluralismo religioso é um facto da vida atual, praticamente em todos os contextos e em quase todas as sociedades.

## 2.6 O desafio da vida consagrada: a inculturação da fé

A contribuição dos religiosos para a missão de evangelização e diálogo da Igreja é fundamental, mas hoje mais do que nunca o verdadeiro desafio com que se deparam é o de participar ativamente na inculturação da fé. Se por um lado o superar a identificação entre cultura ocidental e Igreja católica, registado em *Gaudium et Spes* (GS 42), permitiu repensar a *forma ecclesiae* como unidade na diferença, à guisa das pessoas trinitárias, por outro lado é verdade que o caminho da Igreja pós-conciliar mostrou uma certa resistência à implementação deste princípio.

Para Francisco, a revelação de Deus resplandece sobre todos os povos, como a luz se refrata sobre a superfície dum poliedro (EG 235): cada identidade cultural é «carne» na qual o Verbo de Deus revela a face do Pai. No *Documento final do Sínodo para a Amazónia* afirma-se, sem hesitações, que é necessário recusar «uma evangelização ao estilo colonial» e que anunciar a Boa Nova implica reconhecer «as sementes do Verbo já presentes nas culturas.»<sup>44</sup>. Francisco explica que a unidade não é uniformidade, mas «uma harmonia pluriforme» (EG 220), que assume as diferenças e valoriza as parciaisidades, porque «O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas» (EG 235; FT 78).

Para o Papa, não se trata só de conhecer melhor os outros, mas de recolher o que o Espírito Santo semeou neles como um dom também para nós (EG 246). O serviço para a evangelização da cultura não pode prescindir dos

---

44. *Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia integral* (26 de outubro de 2019), 55. [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20191026\\_sinodo-amazonia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html)

religiosos, porque a sua presença *no terreno e no contexto* é indispensável para desenvolver uma teologia inculturada. É refletindo sobre as suas experiências pastorais vividas, tematizando e sistematizando essas reflexões, que emerge e se desenvolve uma teologia pertinente.

De facto, o modo como o povo através das próprias tradições culturais exprime um *étos*, isto é, um sentido global da vida e da morte e uma perspectiva sapiencial sobre o homem e sobre Deus e sobre a humanidade, serve como um pré-requisito para a proclamação do Evangelho. A fé não oferece um modelo cultural predeterminado, nem se justapõe às culturas que encontra, mas enforma-as a partir do interior, a partir daquele núcleo ético-antropológico-espiritual que é da sua pertinência.

Logo, no contexto atual, *Fratelli tutti* fornece a orientação para os religiosos, cuja tarefa de mediação é delicada e necessária: entrar na vivência de um povo, antes de mais para se aproximar respeitosamente dos seus usos e costumes; aprender a conhecer, na convivência discreta e na proximidade diária, o seu *étos* cultural e depois explicitar os conteúdos e as sensibilidades que permitem que a mensagem cristã se enraíze e aí habite e manifeste todo o poder redentor e regenerativo da Revelação de Deus em Jesus Cristo.

Os religiosos de todas as formas e “famílias” têm, portanto, uma missão essencial de inculturação da fé e do desenvolvimento da teologia contextual: interpretar a fé e discernir os conteúdos do *ethos* de um povo, de modo a forjar categorias teológicas com as quais proclamar a revelação da perspectiva daquela dada cultura.

Como a sua vocação consagrada se “descentraliza”<sup>45</sup> também a teologia o faz. Ambas envolvem um êxodo da focalização no eu, uma doação de si próprio sem reservas, um espaço de acolhimento para o outro, seguindo assim a lógica desconcertante da Encarnação.

---

*O Card. Michael Czerny, SJ é atualmente Subsecretário da secção Migrantes e Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Anteriormente ocupou numerosos cargos de liderança nos Jesuítas, incluindo a direção do Secretariado para a justiça social na Cúria geral dos jesuítas e da fundação da African Jesuit AIDS Network. Pode ser contactado em secretary.mczerny@org.va.*

*Review for Religious*, 1, no. 1 (Summer 2021): 87–106

---

45. Discurso do Papa Francisco aos participantes na Assembleia Nacional da Conferência Italiana dos Superiores Maiores (CISM), (7 de novembro de 2014). Ver nota de rodapé 15.